**Sociedade muda constantemente**

Sociedade muda constantemente, na medida em que a vida das pessoas evoluí e cada uma revela, face às diferentes situações encontra, novas facetas que alimentou em segredo ou que emergem de surpresa, incluindo para a própria pessoa. Quem está de fora, frequentemente, compreende o sentido da acção de quem é observado sem que este, mesmo quando conhece o sentido da interpretação alheia da acção, sabe que quem está de fora imagina que sabe o que verdadeiramente não sabe.

Por exemplo, quando um estudante ocorre nervoso a um exame, se ele tem passado os exames anteriores, os seus amigos e familiares sabem que tudo vai correr bem. Mesmo que não corra, há-de haver outras oportunidades (se o ambiente for confiante nas potencialidades do estudante). Se correr bem, para todos – menos para o estudante – tudo correu como normal. O normal dos outros é o esforço de auto-transformação do estudante, que passo a passo sabe mais ou, mais seguramente, ganha direito a um certificado escolar, com impacto social alimentado pelo sistema de credibilização da meritocracia: o estudante e os seus amigos e familiares ficam convencidos da sua evolução (não faz sentido negar aquilo que é oferecido). Caso o estudante venha a decidir interromper o percurso de estudos ou não usar os certificados escolares para se integrar no mercado de trabalho ou até caso o mercado de trabalho previsível para quem fez aqueles estudos rejeite a sua integração, a culpa será sempre do estudante, por não se ter esforçado o suficiente para se conformar com a sociedade existente.

As teorias sociais separam de forma a tornar incompatível entre si as estruturas (aquilo que está planeado e serve de guião para a acção organizada, em particular a legislação) e as pessoas, concebidas como indivíduos produzidos pelos estados, através dos sistemas sociais, como as maternidades, as creches, as escolas, todos livres e iguais. Tal como acontece no caso do nosso estudante, quem não for igual aos outros que arranjaram emprego na sua área de especialização vai para um lugar irrelevante das estatísticas (as excepções à regra). Confirmando-se assim cientificamente a culpa dos excluídos de estarem na situação de exclusão, apenas por auto-determinação da sua própria capacidade de acção.

As estruturas estão lá, à disposição de todos (liberdade) e sem discriminações (igualdade). Tudo quanto não seja exactamente assim pode e deve ser denunciado, para correcção (e há sempre muita coisa a corrigir). Mas tudo se trata de erros humanos: embora as estruturas estejam lá com propósitos certos (pelo menos quase sempre) e de boa vontade (sempre), as pessoas que usam as organizações que no quotidiano põe em prática as determinações superiores erram imenso. Não é só o estudante que após vários anos de carreira escolar se pode arrepender e mudar de vida. Isso acontece também com os trabalhadores e até, pasme-se, com dirigentes. A instabilidade afecta potencialmente todos. Aliás, há um dito popular sobre a mítica infelicidade dos ricos (e também dos pensadores) a que os pobres e os ignaros estão, por natureza, poupados: não tem zangas de família a respeito de heranças nem sofrem mentalmente sobre os desafios existenciais a que a humanidade está sujeita.

Os sistemas, quais tipos ideais, estão à disposição das pessoas, para as constituir em cidadãos virtuosos e para lhes oferecer a segurança ontológica, mesmo quando os indivíduos são mal-agradecidos ou desdenhosos. A vida quotidiana é muito diferente destes tipos ideais. Portanto, a teoria social limita-se a fazer estudos separados de macro sociologia (política, económica, cultural) sobre a dominação e a subordinação, e estudos separados de micro sociologia (das organizações, das famílias, da pobreza, da opressão na interacção – repressão, controlo, entre polícias e ladrões).

Estas críticas não são novas. Há quem tenha entendido, sobretudo em torno do marxismo, que a separação entre a superestrutura e infraestrutura é viciosa. Marx inverte a lógica, para dizer que o poder não vem da superestrutura: vem da infraestrutura. É o quotidiano que determina os tipos ideais (as ideologias e instituições dominantes). Muitos dos seus seguidores preferiram dizer que há uma diferença entre os aspectos objectivos – fixos, materiais, observáveis, públicos – da existência das sociedades e os aspectos subjectivos – instáveis, imateriais, não observáveis, íntimos – que se misturam de formas misteriosas (segundo Habermas, por exemplo, misturam-se no espaço público).

No fundamental, portanto, a questão mantém-se: como religar de forma cientificamente aceitável diferentes níveis de experiência das pessoas, sabendo que eles se misturam e são mais do que dois níveis apenas (criou-se no meio o nível meso social para indicar precisamente isso: os níveis macro relacionam aquilo que está acima do social (Deus? As instituições? A filosofia? A civilização? O Império? A matéria? O cosmos?) com as sociedades; os níveis micro relacionam a vida prática quotidiana, instável, com os corpos, emoções, ritmos, desejos, relações com a natureza e as tecnologias; os níveis meso relacionam os corpos humanos com os níveis sociais macro, em particular nas organizações ou nas cidades ou nas casas de cada um).

A preocupação das teorias sociais em oferecer aos seus leitores (a partir das primeiras décadas do século XX) confiança no progresso, interrompido pela crise financeira de 1929 e, depois, pela crise do petróleo de 1973, datas que sinalizam a emergência da institucionalização do comunismo e a revolução social que originou a contra-revolução neoliberal, impede-a a ela e aos seus leitores de reconhecer a instabilidade existencial. Impede a continuidade do caminho já percorrido entre a filosofia social e a ciência, estacionado no que se chama ciências sociais.

**Do auto-isolamento das teorias sociais**

A instabilidade é a referência a experiências diferentes das habituais. Sendo que há gente que vive habitualmente – toda a vida ou ao menos durante um período de tempo – situações de instabilidade. Eventualmente situações institucionalmente construídas, como as experiências científicas, as prisões, a insegurança legislativa e de poder, ou emocionalmente determinadas, como o amor e desamor, a revolução e a contra-revolução, a solidariedade e a vingança, em contextos de medo (sentimento de as relações comunitárias estarem risco) ou de vergonha (sentimento de as relações sociais estarem risco).

A falta de solidariedade social ou coesão social ou diferença de classes é marcada por diferentes tipos de experiência relativa à estabilidade. Há quem faça da instabilidade (dos outros) um modo de vida seguro (para si), a menos de um risco (falência, revolução) – são os empresários. Há quem faça da vida uma rotina de submissão a lutas sociais em que se limita a ser fiel ao lado que melhor lhe paga ou que mais garantias dá de sobrevivência – são os trabalhadores de rotina, por um lado, e os prestadores de serviços pessoais, por outro lado. Há quem esteja na vida sem relações sociais estáveis, como os sem abrigo ou os presos ou os excluídos, cujas comunidades são inimigas da ordem dominante, na medida em que não pagam impostos e interferem com as rotinas de submissão. Constituem um risco comunitário e social, que os poderes instituídos tratam de modo a elevá-los e mantê-los a nível comunitário, através do medo, evitando, ao mesmo tempo, a vergonha que a empatia social gera – sentimento sublimado em práticas filantrópicas e assistencialistas.

A teoria social omite o estudo da instabilidade, argumentando a impossibilidade de determinar estatisticamente o que se passa no reino da irracionalidade, quando dominam as emoções e os corpos violentados, ao contrário do que se passa em períodos de estabilidade, afinal os mais comuns no tempo.

Deste modo, a teoria social ignora, ao mesmo tempo, as experiências de desastre e fundação sociais (que coocorrem) e as experiências de instabilidade na vida de todos o cada um, com particular destaque para as pessoas que vivem a instabilidade de forma habitual.

Por isso, a teoria social dedica tanta atenção aos excluídos e aos pobres, perguntando-se através do método dos tipos-ideais, porque é que essas pessoas não têm vidas iguais às pessoas normais? E, incapaz de considerar a instabilidade (a desesperança, a fome, o isolamento social, o estigma, a repressão), produz respostas que alternam entre a) porque querem viver assim (pelo menos é o que as próprias pessoas dizem quando são entrevistadas e manifestam algum orgulho) ou 2) porque são irracionais (só tiram prazer do crime ou do desvio, por inveja dos ricos, por não saberem poupar, por gostarem de lutar, por não saberem ler, escrever, contar, falar, etc., por não controlarem os seus impulsos, por serem filhos de famílias desestruturadas – filhos da puta, como se diz em insulto). Porque vivem numa bolha de subcultura ou porque lhes falta agência, proactividade. São excluídos, portanto, porque são antissociais (étnicos, comunitaristas) ou não sabem contribuir para a sociedade, integrando-se nela. Correm o risco de se tornarem bandidos, de quererem fazer o mesmo que os outros – comprar nos mercados sem terem dinheiro (crédito) ou fazer negócios sem aprovação dominante (tipicamente o contrabando – com a globalização, o tráfico de drogas). Tornam-se estigmas em pessoa: formas de contágio da instabilidade, dos riscos, nomeadamente de repressão, mas também de violência cujo sentido escapa às pessoas normais, esforçadas (por recomendação das ciências sociais) a ignorarem o lado negativo das (suas) vidas. Deixando isso para um mundo à parte, que em política se chama casos de polícia.

É essa a razão pela qual as teorias sociais não se dão com as ciências doutrinais, o direito em particular, as ideologias em geral. As teorias sociais têm a sua própria orientação ideológica, a sua própria doutrina, que não se discute – evidentemente – que a) separa os cidadãos e os indivíduos dos respectivos corpos e das respectivas necessidades básicas – que se presumem asseguradas, sem que isso seja um problema (a não ser para o sistema de saúde), b) pois a modernidade social-capitalista-racial-de género-criminal-penal é o melhor que é possível a humanidade esperar poder um dia realizar.

**O que é a sociedade?**

A sociologia é o estudo da sociedade. Mas que é a sociedade?

Um aglomerado populacional sob a soberania de um estado ou um povo soberano que se dota de um estado? Ou sociedade é os modos diversos e singulares de organizar a sua vida, característicos da espécie humana?

A sociologia é a apologia da modernidade e da razão ou é o estudo científico da especial natureza humana no que toca ao convívio entre humanos? A sociologia é uma ideologia ocidental ou aspira à universalidade?

A misoginia, o elitismo e a dissimulação que caracterizam as actuais sociedades humanas são inelutáveis? Sem tais características, a sociabilidade humana não é possível? No passado? E no futuro?

Será possível manter o crescimento dos consumos de energia por habitante? Tomar consciências das formas de economia humana e modela-las ao cosmopolitismo? Manter a independência e a liberdade do pensamento conceptual criativo?

Como será possível aprender a “cuidar de si”, em liberdade, sem amesquinhar o outro? Será possível o auto-conhecimento sobre os segredos sociais – de género e sexo, de elites e liderança, de dissimulação e sabedoria? Ou o mecanismo do bode expiatório – a repugnância contra a vítima e a glória do sacrifício, como sinal divino – impede o desvendar de tais segredos?

Usar os exemplos da face e dos surdos como casos de estudo sobre o lugar das teorias sociais na resposta a estas perguntas.

(Morris 2016; Morris 2013; Collins 2005; Graeber 2011; Fara 2009; Girard 1978; Girard 1985; Girard 1972; Foucault 1999a; Foucault 2004; Foucault 1999b)

Face e surdos

(Fox 2007; Ladd 2013; A. Dores 2016; Dores 2013; A. P. Dores 2016)

Collins, R., 2005. *Interaction Rituals Chains*, Princeton: Princeton University Press.

Dores, A., 2013. The brain, the face and emotion. In A. Freitas-Magalhães et al., eds. *Handbook on facial expression of emotion*. Porto: FEELab Science Books, pp. 129–181. Available at: http://hdl.handle.net/10071/6793.

Dores, A., 2016. Trust and the face. In A. Freitas-Magalhães, ed. *Emotional expression: The brain and the face*. Porto: FEELab Science Books, pp. 205–231.

Dores, A.P., 2016. The time and the face. In A. Freitas-Magalhães et al., eds. *Handbook on facial expression of emotion (Vol. 2)*. Porto: FEELab Science Books, pp. 261–288.

Fara, P., 2009. *Science: a Four Thousand Years History*, Oxford: Oxford University Press.

Foucault, M., 2004. *A Hermenêutica do Sujeito* 1a ed. 200., São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M., 1999a. *Les anormaux*, Paris: Gallimard, Le Seuil.

Foucault, M., 1999b. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal.

Fox, M., 2007. *Talking Hands*, New York: Simon & Schuster.

Girard, R., 1978. *Des Choses Cachées Depuis la Fondation du Monde*, Paris: Éditions Grasser et Fasquelle.

Girard, R., 1985. *La Route Antique des Hommes Pervers*, Paris: Bernard Grasset.

Girard, R., 1972. *La Violence et le sacré*, Paris: Grasset.

Graeber, D., 2011. *Debt – the First 5000 Years*, NY: Melville House Publishing.

Ladd, P., 2013. *Em Busca da Surdidade 1 - Colonização dos Surdos*, Surd´Universo.

Morris, I., 2016. *Guerra! Para que serve? – o Papel do Conflito na Civilização, dos Primatas aos Robôs*, Lisboa: Bertrand.

Morris, I., 2013. *O Domínio do Ocidente* 1a ed. 201., Lisboa: Bertrand.